

DELMARLE (Jean). — *Classes et lutte de classes. L'Avenir de l'homme, de la Société*. Les Éditions Ouvrières. Paris. 1973. 325 pp.

O autor pretende tratar da luta de classes numa perspectiva sociológica: ver a realidade das coisas, se há concordância entre a aparência e a essência, entre a realidade e a interpretação desta. Determinar as estruturas sociais, a organização social nas funções e disfunções. Analisar a luta de classes como realidade objetiva sem recorrer a juízos de valor outros senão os contidos nas realidades estudadas.

Como falar em luta de classes sem mostrar os antagonistas? Que critérios permitem falar em classes; quais os elementos constitutivos das classes? Existe luta de classes? Quais os diferentes domínios de conflito? Quem fala de luta de classes e quem não fala? O autor estuda então a estratificação social, mencionando ligeiramente as teorias do conflito e do equilíbrio. Como critérios de determinação do conceito de classe toma o autor os seguintes: 1). — Condições de vida: trabalho, quadro residencial, renda, educação e lazer; 2). — poder-econômico, administrativo, intelectual, militar e religioso; 3). — cultura; 4). — aspirações. Somente na correlação entre as conclusões tiradas de cada um destes critérios é que devemos confirmar a existência de classes sociais.

Depois desta introdução teórica, o Autor passa a estudar as classes sociais na França. Partindo dos critérios acima e da idéia de que as desigualdades que estão na origem das classes não são legitimadas pela sociedade, o Autor aplica seu estudo à sociedade francesa.

Na segunda parte entramos na análise sociológica propriamente dita. Sob o título “Os diferentes domínios de conflito”, ideologias, liberalismo, tecnocracia, marxismo, socialismo são rapidamente estudados. Chama a atenção sobre o marxismo científico de Marx e o marxismo dogmático de Stalin. Passa depois a ver como falam de classes o mundo operário, os sindicatos, os agricultores, os intelectuais e as categorias dirigentes.

Finalmente sob o título “Pode-se falar de luta de classes?” distingue os conflitos de interesses e os conflitos de luta de classes. Aborda em seguida a violência, que tende a ser um dado habitual da vida social. Conclui seu trabalho ressaltando que: 1). — a luta de classes é a afirmação de que as relações entre os homens e as classes sociais não são relações iguais, mas hierarquizadas; 2). — a luta de classes é uma ideologia, podendo ter quatro acepções distintas, não necessariamente exclusivas: a). — a luta de classes pode ser apenas uma afirmação derivada de uma cultura sociológica; b). — ela pode ser uma interpretação sistematizada; c). — podendo ser uma interpretação sistematizada, pode não ser senão um sistema de interpretação; d). — ela pode significar uma ação, uma estratégia da cultura, de uma análise, de um *a priori*. Afirma o Autor: “O conflito existe na vida das sociedades. Dominado, ele pode ser criador de democracia... A luta de classes é a crítica de uma organização social de inspiração aristocrática, ela não fornece de si mesma uma forma concreta de organização democrática”. E continua: “O antagonismo ou o conflito se apresenta como um dado essencial da vida das sociedades. A lentidão sociológica, o peso das estruturas tendem a encerrar o homem numa visão da sociedade marcada por um passado antes de tudo aristocrático”. “O condicionamento sociológico, o apego aos privilégios, uma certa vontade de poder parecem justificar certas formas duras de luta de classes. Não se trata de um *a priori* ou de uma justificativa ideológica, mas de uma consequência prática a tirar do jogo da luta de classes e da dificuldade em realizar a democracia pelas vias que seriam de diálogo e de não-violência”.

Livro cuja leitura complementa os trabalhos de alguns sociólogos brasileiros, cuja leitura pode inspirar alguns políticos e tecnocratas, tanto de países desenvolvidos como da periferia. “Não há modelo único para análise da sociedade. ... O modelo que rege as relações entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos parece bem próximo do modelo de luta de classes, mas não se pode dizer isso das relações homem-mulher, meio rural-meio urbano. Há uma dialética do poder que parece escapar aos indivíduos e às classes que exercem o poder. Neste sentido, um aspecto da luta de classes em nossos países (a defesa do poder pelas categorias dirigentes) pode ser, não somente uma atitude aristocrática de dirigentes atuais ligados ao seu poder, mas revelar uma atitude que é a tentação de todo grupo no poder. Diz-se que o poder corrompe. Não se é democrata a não ser quando se está no poder?”

Diante dos acontecimentos políticos na América Latina nesta última década, tais ponderações nos levam a pensar nas sociedades nacionais dentro da

perspectiva sociológica assinalada pelo Autor; e no âmbito mundial, sua caracterização da violência parece encontrar poder explicativo para alguns países onde somente este instrumento pode reivindicar na prática.

*JANUÁRIO FRANCISCO MEGALE*

\*            \*  
              \*  
              \*